

BENDITA GENI

Everton Bonfim

(Livre Adaptação da música “Geni e o Zepelim” de Chico Buarque)

Personagens:

Geni
Comandante
Narrador
Jornaleiro
Velho Aposentado
Viúva Blandina
Viúva Florinda
Mendigo
Lavadeira
Policial
Banqueiro
Bispo
Prefeito
Coro

PRÓLOGO

(CHEGADA DOS ATORES NO ESPAÇO: Cortejo)

Todos – OOOiiii!!!! (cantando) “ Oi cadê Dona Geni!

Oi cadê Dona Geni!

Cadê Dona Geni! 2X

Cuidado!

Ela é boa de cuspir!

Oi joga pedra na Geni!

Oi joga pedra na Geni!

Joga pedra na Geni! 2X

Cuidado!

Ela é boa de cuspir!”

Narrador – Respeitável público! Seja pela porta da frente, seja pela porta do corredor ou pelas portas do fundo, o fato é que a Cia. Teatro de Garagem tem a honra de apresentar...

Todos – Bendita Geni!!

Narrador – Geni é uma travesti que mora na cidadezinha chamada Zepelinha, onde uma situação que está prestes a acontecer, revelará quem são os verdadeiros moradores dessa cidade. E agora com vocês... Bendita Geni!!!

Todos – Ê! Ê! Ê! (cantando)

“Oi cadê dona Geni!
Ol cadê dona Geni!
Cadê dona Geni!
Cuidado!
Que ela é boa de cuspir!”

(Saem de cena, o narrador fica)

Narrador – Dividimos a Bendita Geni em dois atos. O primeiro ato que vamos ver agora, servirá para conhecermos melhor as personagens que farão parte desta confusão.

Coro – “Confusão? Mas, que confusão?”

Narrador – A confusão que o povinho desta cidade gosta de fazer em relação às atitudes de uma moradora chamada Geni.

Coro – “Como assim?”

Narrador – Vocês vão entender já já!

Coro – “I ATO”

Narrador - Que entre o jornaleiro!

Coro – “Música Jornaleiro”

Jornaleiro – Eu estou aqui!

Narrador – Por favor Jornaleiro, se apresente!

Jornaleiro – É pra eu me apresentar? É... bom, eu sou o melhor jornaleiro da cidade! Isso todo mundo já sabe né. É... eu tenho doze anos e moro lá no internato. Eu fui abandonado pela minha mãe, ela me jogou no lixo... sorte minha que uma senhora me achou, diz que eu já tava roxim de ficar sem ar, quase que eu morri, já pensou se eu tivesse morrido... cruz credo, eu tenho medo de morrer.

Narrador – E você tem medo da Geni?

Jornaleiro – Qual Geni? Aquela Geni? Não tenho medo dela não.

Narrador – E você a conhece?

Jornaleiro – Conheço... já trombei ela umas par de vez. Ela sempre vem aqui comprar jornal comigo. Aquela lá é safada hein...

Narrador – Está bom, obrigado. Pode voltar para o seu trabalho.

Jornaleiro – Extra! Extra! “Crise econômica abala mundo ocidental” – “Padre condena freqüentadores da casa de Geni” – “Cai o preço do café no Brasil”

(Chega o Velho Aposentado)

Jornaleiro – Ora essa! Se não é o meu mais velho freguês, o velho aposentado da praça!

Coro – “Música Aposentado”

Aposentado – Eu estou aqui!

Narrador – Por favor, meu senhor, se apresente.

Aposentado – Sou, sou aposentado sim, mas não sou vagabundo como andam dizendo por aí, já trabalhei muito nessa minha vida.

Narrador – E o que o senhor faz hoje em dia?

Aposentado – O quê?

Narrador – O que o senhor faz hoje?

Aposentado – O que eu faço hoje? Nada! Quer dizer, eu uso o banco da praça o dia todo, do resto eu só como cago e durmo.

Narrador – E qual é a sua relação com a Geni?

Aposentado – Se Geni é da minha geração?

Narrador - Não! Qual a sua relação com ela?

Aposentado – Ah, minha relação com ela? Está cortada. Aquela ingrata, só porque o meu Augustinho não sobe mais, ela finge que nem me conhece... mas eu já to correndo atrás do prejuízo, viu seu moço, to tomando uns comprimido que é tiro e queda, deixa ela ficar sabendo...

Narrador – Obrigado Senhor!

Aposentado – (para o jornaleiro) O meu fio, o meu jornal, por favor.

Jornaleiro – Aqui está, são noventa centavos. Extra! Extra! “A esposa do coronel Querêncio morre de...”

Aposentado – Psiu! Não fala em morte que as irmãs viúvas aparecem!

Viúvas – Quem morreu?

Aposentado – Tarde demais!

Jornaleiro – As irmãs viúvas!!

Coro – “Música Viúvas”

Viúvas – Nós estamos aqui!

Narrador – Olá senhoras viúvas! Digo que será um prazer se eu puder entrevista-las, para que esse público maravilhoso possa conhecê-las um pouquinho mais.

Viúvas – Mas é claro que pode!

Viúva F – Eu sou a Dona Floriana.

Viúva B – Eu sou a Dona Blandina.

Viúva F – O senhor fique sabendo que não gostamos muito de ficar falando da gente. Não gostamos de fofoca.

Viúva B – Isso mesmo, como o senhor pode ver somos viúvas muito recatadas.

Viúva F – Somos senhoras de muito respeito, senhor.

Viúva B – Honramos a morte de nossos maridos.

Narrador – E as senhoras, por um acaso, conhecem Geni?

Viúvas – Qual Geni?

Viúva F – A Geni desta cidade? Meu Deus!

Viúva B – Geni, aquela bis... (viúva F tapa a boca da viúva B)

Viúva F – Não gaste saliva para falar daquela descarada, com licença.

(Dão as costas para o narrador e seguem em direção ao jornaleiro)

Viúva B – Quem é que morreu mesmo?

Jornaleiro – São noventa centavos.

Viúva F – Mas a gente só quer saber quem morreu.

Viúva B – E do que morreu?

Jornaleiro – Nananinanão, são 90 centavos.

Viúva F – Tá, está bem, toma. Me dá aqui este jornal.

Jornaleiro – Extra! Extra! Dona Quitéria, esposa do coronel Querêncio morre de tuberculose.

(Aparece o mendigo da cidade tossindo muito, e com uma receita médica na mão)

Narrador – O mendigo da cidade!

Coro – “Música Mendigo”

Mendigo – (pra viúvas) Dá licença! Eu to aqui com essa receita que o doutor me receitou, eu não estou podendo trabalhar, sabe, agora me veio essa tosse lazarenta, cof, cof, cof, eu to precisando compra uns remédio, se não eu não vou sarar nunca, por um acaso as senhoras não tem uns trocadim pra me dar. Pode ser nota miúda mesmo, de cinco, de dez...

Viúva B – Mas o senhor é tão novo, por que não arruma um emprego?

Mendigo – Emprego? Cof, cof, cof (se afasta das viúvas e vai de encontro ao narrador)

Mendigo – Dá licença! Eu to aqui com essa receita...

Narrador – OK! OK! Não precisa repetir a ladainha, eu já ouvi tudo. Infelizmente eu estou sem a carteira.

Mendigo – Nem uma moedinha?

Narrador – Nada. Eu vivo de luz...

Mendigo – Quer dizer que o senhor não come e nem bebe nada?

Narrador – Nada.

Mendigo – Então o senhor não caga e nem mija.

Narrador – Não preciso, mas eu não vim aqui pra falar de minha vida particular. Estou colhendo informações de uma tal moradora da cidade chamada Geni. Você conhece?

Mendigo – Claro! A Geni é a única que me entende e me ajuda. Ela me dá comida, me dá abrigo, me faz cafuné...

Narrador – Já entendi. Olha só, quem vem lá?

Mendigo – Aquela lá é a lavadeira da cidade, eu vou aproveitar que ela também costuma ser caridosa. (vai de encontro à lavadeira)

Lavadeira – Toma uma moedinha, não precisa explicar não!

Mendigo – A Lavadeira da cidade!

Coro – “Música Lavadeira”

Lavadeira – Eu to aqui, ó!

Narrador – Por favor, lavadeira, se apresente!

Lavadeira – É pra eu me apresentar? Eu sou a Dona Gertrudes e vou bem obrigada, eu sou a melhor lavadeira desta cidade, tenho doze filhos pra criar e sou eu quem sustenta a casa. O meu marido é muito doente. Eu lavo roupa do prefeito, do bispo, do banqueiro, do coronel, só de gente importante da cidade.

Narrador – E a senhora já lavou roupa pra Dona Geni?

Lavadeira – O que? Pra Geni? Nem a pau! O senhor deve ta ficando louco pra me perguntar uma coisa dessas. Geni é uma despeitada, sem vergonha, filha da puta!

(Geni aparece discutindo com um freguês, saí por trás da platéia)

Geni – Filho da puta é você! Onde já se viu uma coisa dessas. Fica a noite toda ensebando, me leva pro seu cafofo que não é lá grande coisa, e na hora de pagar pelos meus serviços, me olha com aquela cara de broa e me diz “não tenho nenhum centavo”, vai à merda.

Lavadeira – Falando no diabo, olha o capeta aparecendo!

Geni – Pior coisa do mundo é ter que prestar serviço pra pobre, é um inferno. Ah, mas isso não vai ficar assim!

Velho – Aí vem a dona do mais belo traseiro desta cidade.

Mendigo – Santa Geni.

Viúva B – Que absurdo!

Viúva F – Que falta de respeito!

Geni – O meu jornal, por favor.

Jornaleiro – É comigo mesmo.

Lavadeira – Escute aqui sua sodoma, como tem coragem de andar assim pela rua?

Viúva B – Você está difamando nossa cidade.

Viúva F – Não tem uma roupa de gente pra vestir não?

Geni – Escuta aqui minhas senhoras, eu é que pergunto, as senhoras não tem nada mais útil pra fazer do que ficar bisbilhotando a vida dos outros.

Lavadeira – Sua vadia despeitada.

Geni – Opa! Vadia não! Se tem aqui entre nós quatro alguma vadia, só podem ser vocês três.

Viúvas – Abusada!

Viúva F – Fique sabendo que estamos voltando do cemitério. Fomos levar flores para os nossos maridos.

Viúva B – Pelo que sabemos você é quem não faz nada, vive por aí destruindo lares de boas famílias.

Geni – Eu trabalho sim, e tenho até carteira assinada. E não me venha com essa estória de que a montanha vai até Maomé que eu não corro atrás de homem nenhum, inclusive uns tais de Carlão e Osório é que me procuravam... (para o jornaleiro) O meu jornal por favor!

Jornaleiro – Ah! Sim, mas é claro.

Geni – Obrigadinha, tchau!

Jornaleiro – Hoje não vai pagar?

Geni – Oh, sim, eu já ia me esquecendo. Este corpinho de sereia é todo seu, te espero às 10h.

Mendigo – Oi Geni, eu to com essa receita que o doutor me receito...

Geni – Daqui, me deixa eu ver...

Velho – Não conhece mais não?

Geni – Oi velho, pode deixar já to sabendo dos comprimidos ... (devolvendo a receita pro mendigo) Toma, passa lá em casa que eu lhe compro o remédio.

Mendigo – Santa Geni.

(Geni entra em sua casa)

Lavadeira – Mas que pouca vergonha. Olha, vocês fiquem sabendo, que de tudo que é nego torto, do mangue ao cais do porto ela já foi namorada.

Viúva F – Nós sabemos muito bem minha senhora. O seu corpo é dos errantes.

Viúva B – Até dos cegos, dos retirantes! É de quem não tem mais nada.

Velho – Ih, minhas senhoras, Geni dá-se assim desde menina, na garagem e na cantina, atrás do tanque, no mato.

Jornaleiro – Lá no internato a gente chama ela de: A grande rainha das loucas e dos lazarentos!

Lavadeira – (apontando para o velho) É, e também vai amiúde com os velhinhos sem saúde e as viúvas sem por vir.

Narrador – Respeitável Publico! É com imenso prazer que vos apresento o bando de desocupados da cidade! Posso até adivinhar de quem estão falando! É de Geni, não é? Pois fiquem sabendo que Geni é um poço de bondade, e é por isso que vocês e a cidade inteira vive sempre a repetir...

Viúva B – Poço de bondade... joga pedra na Geni!

Viúva F – Isso mesmo, joga pedra na Geni!

Velho – Ela é feita pra apanhar!

Jornaleiro – Ela é boa de cuspir!

Lavadeira – Ela dá pra qualquer um!

Todos – Maldita Geni, maldita Geni!

Coro – “II ATO”

(Todos saem de cena, fica o narrador e o coro)

Narrador – Chegamos ao segundo ato da peça, ele acontece no dia em que Geni, uma quase mulher, tem seu dia de glória...

Coro – “Um dia surgiu brilhante, entre as nuvens flutuantes, um enorme Zepelim, pairou sobre os edifícios, abriu dois mil orifícios, com dois mil canhões assim...”

(chega o Zepelim Gigante)

Narrador – A cidade apavorada se quedou paralisada, pronta pra virar geléia, mas do Zepelim gigante, desceu o seu comandante...

(O comandante sai de dentro do Zepelim)

Comandante – Quando vi nesta cidade, tanto horror e iniquidade, resolvi tudo explodir. Mas posso mudar de idéia e evitar o drama, se aquela (aponta pra Geni) formosa dama, essa noite me servir.

Todos – Geni???

Lavadeira – Essa dama é a Geni?

Viúva B – Mas não pode ser Geni.

Viúva F – Ela é feita pra apanhar.

Velho – Ela é boa de cuspir.

Jornaleiro – Ela dá pra qualquer um.

Todos – Maldita Geni!

Viúva B – Eu não acredito que a cidade está dependendo daquela vagabunda.

Viúva F – Olha a boca suja, minha irmã.

Lavadeira – Já passou da hora da gente expulsar ela da cidade.

Velho – Eu concordo e acho que devíamos fazer isso agora.

Jornaleiro – Agora eu acho que a gente tem que correr...

(O comandante interfere e amedronta a população avançando com o Zepelim)

(Geni sai de dentro de sua casa)

Geni – Por que logo eu, que sou tão coitada e tão singela, hein, forasteiro?

Comandante – Encantei-me por ti, minha linda donzela.

Narrador – E o guerreiro tão vistoso, tão temido e poderoso, era dela prisioneiro.

(Geni prende o comandante com algemas)

(Aparece um policial)

Policial – Mas o que está acontecendo aqui?

Geni – Este homem está armado senhor lingüiça.

Policial – Olha como fala comigo mulher da vida.

Geni – Dá vida e mais o que o senhor quiser...

Policial – Geni...

Geni – Tome conta deste homem.

Policial – Mas Geni, este homem tem o poder de destruir nossa cidade. Será que você não entendeu que a condição para que isso não aconteça depende da sua vontade.

Geni – Azar... não fui nem um pouco com a cara dele. Aliás, minha vontade é que o prenda.

Policial – Não posso, não tenho provas contra o comandante.

Geni – Então faça do seu jeito, prefiro amar com os bichos, com licença. (entra em sua casa)

(O policial abre as algemas)

Policial – Posso ter a honra de conhecer o seu dirigível, comandante?

Comandante – Só se for com a minha presença soldado. Venha vou lhe mostrar o funcionamento dos canhões.

(A Lavadeira aparece e chama todo mundo da cidade)

Lavadeira – Gente, gente! Corri aqui! Vocês não sabem o que eu ouvi.

Viúva F – O que foi mulher.

Lavadeira – A Geni não gosta de dá pra comandantes de Zepelins.

Viúva B – Como é que é?

Lavadeira – A puta é orgulhosa.

Velho – Ela disse que prefere amar com os bichos.

Jornaleiro – Ela não está acostumada com homem tão nobre.

Lavadeira – Precisamos fazer alguma coisa, antes que o policial não consiga mais distraí-lo.

Viúva F – Vamos falar com as autoridades.

Viúva B – Isso não pode ficar assim.

Jornaleiro – “Extra, extra! A cidade ainda depende de Geni para não transformar-se em ruínas.

Narrador – O tratado da hipocrisia humana estava selado. Apelaram para as autoridades, a cidade em romaria, foi beijar a sua mão. O Prefeito de joelhos, o Bispo de olhos vermelhos e o Banqueiro... o Banqueiro com um milhão.

Prefeito – (Entregando uma chave gigante) Vai com ele vai Geni.

Banqueiro – (Entregando um saco de dinheiro) Vai com ele vai Geni.

Bispo – (Beijando sua mão) Você pode nos salvar, minha filha, você vai nos redimir.

Prefeito – você dá pra qualquer um mesmo!

Banqueiro – Bendita Geni!

Bispo – Bendita Geni!

Todos – Bendita Geni! Bendita Geni!

Coro – “E cantaremos aleluia
Se a Geni
Nesta hora nos salvar
Geni é santa ela vai nos perdoar”

Geni – (saindo de sua casa) Foram tantos os pedidos, tão sinceros, tão sentidos...

Narrador – Que Geni dominou o seu asco.

(Geni leva o comandante para dentro de sua casa, enquanto isso, o povo canta “aleluia” saudando Geni.)

Narrador – E naquela noite lancinante, entregou-se ao tal amante, como quem dá-se ao carrasco.

(Cena dos curiosos tentando olhar dentro da casa de Geni)
(Geni aparece de repente)

Geni – Ele fez tanta sujeira, lambuzou-se todo.

Lavadeira – Então você saciou o homem?

Geni – Vixe...

Viúva F – Mas cadê ele?

Viúva B – A gente continua correndo perigo?

Velho – O Homem ainda ta dormindo.

Jornaleiro – Extra! Extra! O Comandante do Zepelim está dormindo na casa de Geni! E a cidade continua correndo perigo!

Geni – Que..., besteira..., a essas horas já deve ter partido naquela nuvem fria que ele veio.

(saída do Zepelim Gigante)

(Geni entra em sua casa)

Narrador – E Geni, num suspiro aliviado, deu as costas para o povo da cidade... mal ela entrou em sua casa, a cidade em cantoria não deixou ela dormir.

Todos – “Joga pedra na Geni
Joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela da pra qualquer um
Maldita Geni” 2X várias vezes

Fim

atualizado em 22 de outubro de 2008.

Everton Bonfim